



Trabalhador *barato* que sai caro

A principal dificuldade da qualificação profissional hoje no país é a mudança do perfil do trabalhador. “Hoje uma empresa compra uma máquina que precisa de conhecimento um pouco maior dos números para operar, e o funcionário sem escolaridade mínima — que operava o torno — não serve mais”, explica Nassim Mehedff, secretário de Formação Profissional do Ministério do Trabalho.

O empregado sem instrução, que antes saía mais barato para a empresa — salários menores, impostos menores —, hoje está mais caro. Ele terá dificuldades de operar equipamentos mais sofisticados e se adaptar às mudan-

ças que ocorrem nas empresas.

A qualificação profissional, então, exige não que se ensine uma nova profissão ou melhore os conhecimentos do trabalhador, mas que traga também a educação formal. “A maior parte dessas pessoas já deixou a escola há muito tempo. Ela não vai voltar à sala de aula, mas precisa aprender de alguma forma”, diz o secretário.

Com uma melhor base educacional, o trabalhador terá uma capacidade melhor de se adaptar a um novo mercado. E os investimentos do Planfor mostram que os empregos estão crescendo não na indústria, de onde vem a maior parte dos desempregados,

mas no serviço e na área de turismo e cultura.

Dos alunos formados pelo programa de formação profissional em três anos e meio, 650 mil foram para os serviços. Outros 250 mil foram trabalhar com turismo. “O turismo é uma área que está crescendo demais, e falta pessoas para trabalhar com isso”, afirma Mehedff.

Os projetos incluem a capacitação de pessoas para trabalhar na indústria do turismo de Pernambuco, e a formação de guias mirins para parques ecológicos no Acre. No seminário, que começa hoje, serão premiados os melhores programas do país na área de qualificação profissional.